Atleta: Natália Scherer Eidt

Modalidade: Ginástica Rítmica

Kátia: Eu gostaria que você me contasse a sua história

Natália: Tá. Meu nome é Natália, eu tenho 26 anos. Eu comecei na prática esportiva aos 5 anos

Kátia: Você é de São Paulo?

Eu sou Santa Cruz do Sul – Rio grande do sul, cidade do interior, 150 km de porto alegre, tem em torno de 115 mil habitantes. Eu comecei aos cinco anos fazendo Ginástica Artística e na metade do ano eu resolvi mudar, não estava gostando e mudei pra Ginástica Rítmica, então eu comecei aos meus 6 anos assim e foi na minha escola, na minha escola existia um técnico e já tinha uma equipe e ele mostrou a equipe para as escolas, passou de sala em sala e ai eu gostei e resolvi trocar as ginásticas e foi quando eu comecei, e foi tudo muito rápido, porque depois de um ano assim, treinando duas vezes por semana em torno de duas horas cada treino, eu já passei para todos os dias da semana em torno de três horas, que eu já comecei a competir campeonatos estaduais na terceira divisão.

Kátia: E esse técnico, ele era, ele dominava ginástica rítmica, era a especialidade dele ou ele era um professor que ensinava tudo?

Natália: Na escola ele era professor de educação física, mas ele só, hã de atividade extracurricular, só dava ginástica rítmica, ensinava ginástica rítmica, e era o único da região inclusive, na época não tinha outro que trabalhava com ginástica rítmica na cidade, ele era o único, então aos 7 anos eu comecei a participar de competições de etapas do interior e etapas estaduais na terceira divisão e ai com 9 anos eu já participei do meu primeiro campeonato brasileiro, eu era categoria infantil, participei com meninas de 8 a 12 anos e eu já consegui ficar em terceiro lugar, tinha 9, competi com as meninas de 12, então já foi um resultado bem expressivo pra gente, ainda mais que era de um colégio do interior, a partir daí a gente começou a treinar em torno de 4 a 5 horas por dia assim, e foi quando eu tive a minha primeira lesão já.

Kátia: Com 10, 9 anos?

Natália: É com 9 anos, tive que ficar parada seis meses, tive um edema muito sério na virilha, uma distensão, e ai foi onde começou mesmo, assim, uma carga horária mais maçante né. Eu comecei a competir com 9 anos os campeonatos brasileiros e todo ano eu participava de todos os campeonatos estaduais ai já na primeira divisão e os campeonatos nacionais que era uma vez por ano em algumas cidades diferentes, todos os anos eu tive resultados expressivos nos campeonatos brasileiros e aos 12 anos, eu fui convocada para a seleção para participar de um campeonato pan-americano de ginástica artística e rítmica em Houston e a nossa equipe ficou em terceiro lugar, então a partir dos 12 eu comecei a competir campeonatos internacionais, naquela época, o código de pontuação era diferente de hoje, a ginasta com 14 anos atingia a fase adulta, ela era considerada categoria adulta de 14 para 15.

Kátia: Agora é 16, né?

Natália: É, agora o mínimo é 16, não pode mais ir pra uma olimpíada, por exemplo, com 14 anos, e participei de campeonato pan-americano, daí participei de campeonato mundial, que é o campeonato que a gente chama que é um torneio de “potimã” que é tipo um campeonato mundial só que da categoria juvenil, que eu era juvenil ainda e eu fui competindo em campeonatos internacionais, os meus resultados não eram muito expressivos pro campeonato, mas para nós, assim, do Brasil que ainda estávamos caminhando, eram bons resultados.

Kátia: E você foi para qual pan-americano você foi?

Natália: Dos Jogos? Eu fui pros Jogos Pan-americanos da República Dominicana, Santo Domingo em 2003. Em 99 que teve o campeonato de Winnipeg, as meninas do conjunto ficaram campeãs e com isso, elas ganharam a vaga Continental, que era uma vaga olímpica pra participar das olimpíadas, e eu fui convocada para a seleção olímpica no final de 99, numa seletiva pra escolher as novas integrantes e eu passei, então, na verdade essa vaga foi conquistada pelas meninas que estavam na equipe antes e eu entrei no bem bom.

Kátia: risos. Foi no vácuo.

Natália: É exatamente, eu era juvenil ainda, então eu nem poderia competir os jogos pan-americanos e a técnica quis renovar a seleção, fez uma seletiva e ai houve a convocação. 99 foi um ano muito bom, assim, na minha carreira, foi o ano que eu consegui ficar campeã estadual, campeã brasileira e eu tive um resultado muito expressivo no campeonato sul-americano, que na época eu competia individual e foi muito bom, assim, o campeonato ... que eu participei também eu consegui uma colocação muito boa, e participei de outro campeonato também, que é a Copa Quatro Continentes que também foi muito bom, das ginastas brasileiras que eu, eu sempre conseguia ficar na melhor colocação, então com a Barbara Alafrank era a técnica da época da seleção de conjunto, convocou essas ginastas pra quando eu entrei para a seleção, então a partir de, final de 99 para 2000 eu entrei na seleção, ai houve alguns, ai a gente participou de alguns campeonatos internacionais antes das olimpíadas, e ai em setembro Sydney. Ai, eu era muito nova né.

Kátia: Você estava com quantos anos Natália?

Natália: Eu to com 26 agora.

Kátia: Não, naquela época você estava?

Nátalia: 14, então assim, eu estava emocionada, porque eu sabia era meu sonho ir para as olimpíadas, mas eu não tinha noção do que que era, hoje eu vejo e falo assim, meu Deus, não acredito que eu participei, ainda mais na ginástica que era uma coisa meio impossível na cabeça de todo mundo e assim, foi um sonho mesmo, eu lembro da abertura que tava escrito, só os mais fortes, os mais rápidos e os mais altos, os mais altos, os mais fortes e os mais rápidos, e eu pensei, nossa, eu sou um desses, e olhava para trás, o Guga, e gente sabe, são os melhores mesmo e todo mundo igual ali, todo mundo com a mesma emoção, ninguém tava menosprezando assim, todo mundo tava com os olhos arregalados, meu Deus do céu, isso aqui é demais, é surreal e foi isso mesmo pra mim, até hoje eu fico, nossa, não acredito. É diferente dos jogos pan-americanos que ai já tava, as olimpíadas, nossa é outra coisa, outro mundo.

Kátia: Vocês de alguma forma, foram preparadas pra isso?

Natália: Olha, a gente tinha na equipe dois psicólogos que trabalhavam com a gente, um psicólogo era psicólogo mesmo, que trabalhava psicólogo esporte e outro que era psicólogo só da área de psicologia mesmo que não tinha essa especialização em esporte, a gente teve problemas sérios com a equipe, porque inclusive, essa, que eu te falei da Camila, eu não sei o que ela teve, ela teve um bloqueio muito sério de lançamento na primeira competição que a gente foi internacional antes das olimpíadas, foi um campeonato na França, ela, todos os lançamentos, todas as trocas, ela lançou na cabeça dela, pra cima, três dessas, era eu que recuperava então, pra mim, que era estreia no conjunto e uma competição internacional e pra ela que era uma ginasta super madura e tal, já tinha competido em vários campeonatos mundiais, foi muito difícil, porque eu passei a coreografia inteira correndo atrás de aparelho e ela depois do primeiro, começou a lançar todos na cabeça dela, tipo, ela bloqueou e isso para a equipe foi, os psicólogos tiveram um trabalho bem complicado porque a gente não, passou meio, como é que eu vou dizer, a ficar com medo de acontecer isso de novo com ela, porque na hora do treino não tinha esse problema e eu ficava com medo porque né, a minha técnica sempre tinha deixado bem claro, o momento que o aparelho saiu da sua mão, o problema não é mais seu, o problema é de quem vai recuperar, então se mata, faz, mas pega o aparelho, então eu comecei a ficar com medo de ela errar e eu perder a minha chance de estar na equipe por causa de uma falha, que na verdade não tinha sido minha mas, então, assim, foi, foi bem intenso até as olimpíadas, a técnica mudou toda a coreografia, ela não lançava mais nada como as outras, mudou todos os jeito de arremessar o aparelho, ela mudou por causa dessa ginasta e para nos passar uma maior segurança e deu certo, nas olimpíadas não teve falha, mas eu acho assim, foi bem tenso, porque a gente não sentia muita segurança que ia dar certo.

Kátia: Eu lembro que nessa, foi a primeira vez que o conjunto brasileiro se destacou como de ponta.

Natália: Foi, na verdade foi a primeira vez que o conjunto participou de uma olimpíada, o conjunto brasileiro não tinha participado e tava indo como, foi para a olimpíada como vigésimo segundo país, o mundial de Osaka no Japão em 99, as meninas ficaram em vigésimo segundo e nas olimpíadas só foram dez países, os nove melhores e nós, então, foi, a gente entrou lá como último lugar assim, e a gente queria mostrar nosso trabalho e ok, já estamos participando já é lindo né, e realmente foi um resultado muito expressivo, porque no primeiro dia a gente ficou em sétimo lugar, e foi tipo, nossa, como assim? Brasil dá onde e realmente assim foi um trabalho, essa renovação que ela fez na equipe, uma russa que veio treinar com a gente nos dar preparação física fez muita diferença, muita diferença, tanto que essa russa, a Rússia é o país que mais se destaca na ginástica sem sombra de dúvidas, todas as campeãs foram russas nas olimpíadas, desde 2000 até, e essa russa, ela treina a equipe principal hoje da Rússia, foi campeã em Pequim com a Rússia, ela é uma técnica muito boa e ela ajudou bastante assim o Brasil na técnica, correção de movimento de corpo mesmo, ela era muito boa.

Kátia: E no fim, em que posição vocês ficaram?

Natália: Oitavo.

Kátia: Nossa, foi muito interessante.

Natália: Muito, muito, é até hoje o Brasil não conseguiu melhor ainda, quase conseguiu em 2004 em Atenas, mas teve uma falha muito grave na coreografia, e daí elas voltaram, no primeiro dia elas ficaram em quinto ou sexto, foi nossa, muito bom o resultado e ai houve essa falha e infelizmente elas ficaram em oitavo no final.

Kátia: Que avaliação você faz dessa tua participação em 2001 com a equipe? Você tinha 14 anos e embora fosse um sonho, você não podia imaginar que isso fosse rolar.

Natália: Eu acho que foi a minha melhor fase assim, por mais que eu fosse muito nova, foi minha melhor fase da ginástica rítmica, corpo muito bom, tava muito magra, tava flexível, não tinha ainda acontecido uma lesão na coluna que depois eu tive e que prejudicou muito, não tinha problema com peso e tava muito confiante, foi a minha melhor fase.

Kátia: Você é longilínea, você é alta, pra ginástica artística, pra ginástica rítmica isso não importa, porque na ginástica artística...

Natália: Importa, tem que ser, quanto mais

Kátia: Porque na ginástica artística é diferente, você tem que ser pequenininha

Natália: É mais força né, e na rítmica quanto mais longilínea e magra você for melhor, porque se você fazer um movimento que aparente ficar pesado, qualquer coisa assim, sua nota, você é ‘despontuada’. Então você tem que sempre apresentar uma figura leve e longa todos os movimentos, então quanto mais alta e magra você for, melhor.

Kátia: Bom, e ai, o que que sobrou de Sydney?

Natália: Nossa, primeiro, na verdade a gente ficou bem triste assim, logo que deu o resultado porque a gente via que por mais que a gente tinha já conquistado muito coisa, tinha sido um resultado injusto, é a equipe tava assim, pra ficar no mínimo em quinto lugar então a gente ficou um pouco triste com isso, mas assim, feliz com nós mesmas, que a gente, missão cumprida, a gente foi muito bem, muito bem, a gente não teve falha, o conjunto foi muito sincronizado então assim, em relação à nota, a gente ficou super satisfeita, em relação aos juízes então, a gente ficou um pouco chateado, depois minha técnica, até, ah, vamos abandonar, que não sei o que, porque isso é um absurdo e uma das arbitras ainda deu uma entrevista e falou, o que o Brasil quer, o Brasil não tem tradição, então não tem que querer nada, não tem tradição, vai ficar em oitavo e daí, tipo, e dai isso nos deixou chateada. Quando a gente viu...

Kátia: É muito, nado sincronizado...

Natália: É, isso conta muito, não adianta, é meio que uma máfia, existe isso, até hoje.

Kátia: E depois que você voltou de Sydney, como é que ficou a tua vida?

Natália: Ah, eu larguei o esporte, não quis mais saber, sim, não quero mais, tá louco, isso não é para mim, sabe aquele overtrainning total, tava exausta, não queria mais saber do esporte, fiquei quatro meses parada, daí eu comecei, ai, talvez acho que eu quero voltar, não sei, e minha técnica me ligou Natália, pelo amor de Deus, volta, preciso de você e tá vou voltar, eu voltei em fevereiro, tinha parado em outubro, parei, 5 meses.

Kátia: Umas belas férias.

Natália: Ótimos, engordei 12 quilos, voltei na dieta, e eu emagreci, mas o corpo já tava reclamando tinha uma lesão séria no isquiotibial e ai eu não pude parar de treinar, ai tava treinando com remédio lá louco e corticoide e inchando, ai começou uma bola de neve assim, o corpo já não aguentava mais, depois em 2002 teve todas as competições, pan-americanos, copa quatro continentes, aquelas competições importantes daquele ano e ai em 2002 e tive um problema de fratura por estresse na L5, deveria ter parado de treinar, não parei por causa de campeonato mundial que era pré-olímpico, não, não era pré-olímpico, era só campeonato mundial, mas era campeonato mundial a competição mais importante do ano e eu continuei treinando e só foi piorando a minha dor e tal, e até então, eu não sabia que eu tinha isso, só que ai...

Kátia: Lá no Rio Grande do Sul isso?

Natália: Lá em Londrina, desde 99, eu passei a morar em Londrina, que a seleção permanente treinava lá

Kátia: Com 13 anos você foi pra Londrina então? Sozinha ou foi com alguma família?

Natália: Ahã, não, sozinha, 13 anos, tinha uma menina também da minha idade que já morava lá, que tinha ido com 12 anos pra treinar individual lá em Londrina, mas eu fui com 13, 13 para 14, já estava quase fazendo 14 e depois que eu tive essa lesão eu participei do campeonato mundial, daí a gente teve um mês de férias no meio do ano, e eu sei lá, vou deixar quieto, porque um mês acho que resolve, porque a gente não tinha acompanhamento médico nenhum, nem fisioterapeuta, nada, nunca teve médico na seleção, nunca e ai, passaram as férias e eu voltei a treinar e a dor voltou pior, daí eu fiquei com medo, daí eu comecei a sentir dor, daí em outubro, eu comecei a ter dor em abril e em outubro fui passar meu aniversário em Santa Cruz e eu falei pro meu pai, pai, to com dor, e é uma dor assim forte e tal, e ele falou, então esquece que tu não vai voltar pra Londrina hoje, vai voltar segunda, a gente vai pra Porto Alegre, não tinha nem ressonância na minha cidade, pra Porto Alegre e você vai fazer uma ressonância nessa coluna e vai ver, e eu fiz isso, e o médico falou, nossa menina, você tá, é duas semanas no colete de ferro na cama, não levanta o braço, não isso não aquilo, não pode tal.

Kátia: Você tava com 16 anos?

Natália: Ahã, e depois fica seis meses, ó, esquece, tem que regenerar o osso, falou todo o problema, daí eu cheguei no mesmo dia, daí segunda feira, eu peguei o voo a noite depois da ressonância, mostrei os exames pra minha técnica e ela, vamô treinar?, ai eu comprei o colete, tipo um cinturão e fui treinar, porque o que eu ia fazer, pensei, ah, treinei a vida inteira pra isso, e agora, agora ano que vem jogos pan-americanos que eu não participei ainda e eu vou ficar parada, não, daí eu optei por continuar treinando, daí a minha coluna foi pro saco.

Kátia: E nem assim eles te deram acompanhamento médico?

Natália: Não, não, é...

Kátia: Isso é um crime

Natália: Pois é, foi bem sério assim, porque hoje, o meu pai diz que não valeu a pena eu ter entrado na ginástica, mas eu acho que valeu a pena, por mais que tenha dado todo esse problema na minha coluna, mas meu pai diz que ele acha que esse problema que eu vou carregar ai pro resto da vida não valeu, hoje a minha coluna tem, eu todo ano eu faço exames, mas assim, hoje eu tenho uma artrose super avançada, tenho hérnia, tenho problema mio facial e toda gerou uma bola de neve, mas paciência. Eu peguei e fui pro jogos pan-americanos daí foi onde a gente conquistou três ouros depois tinha o campeonato pré-olímpico mesmo, que daí, a gente já tinha vaga, por carta convite, que a gente tinha ficado campeãs, mas mesmo assim a gente queria conquistar vaga no mundial mesmo pré-olímpico, e no mundial a gente ficou em nono e depois disso, eu entrei de férias e eu engordei muito nas férias, chutei o balde mesmo, ai na hora quando eu voltei teve outra seletiva pra renovar a equipe para as olimpíadas e foi quando eu fui cortada por excesso de peso, mas eu já tava no limite, eu já, a minha técnica falou, se tu em fevereiro, a seletiva foi em novembro, se fevereiro tu voltar no teu peso, a vaga é tua, tu sabe disso, mas, sabe, pra mim, eu já tinha dado, eu sentia muita dor na coluna nos treinos e era, eu tava meio que, eu considero meio que ignorando o que fizeram, porque o médico ligou falando do problema que tinha, de como teria que lidar comigo né e no outro dia, já estava me passando exercício para ficar lá em hiperextensão, hiperextensão e eu falei, gente, eu não posso fazer isso, ué, seu problema é no músculo ou no osso, porque isso é um trabalho muscular, você pode fazer, então, sabe, eu ia lá fazer, ai as vezes eu penso, tipo, putz eu tava tão perto de participar de outro olimpíada, a vaga, eu conquistei a vaga, mas não adianta.

Kátia: É que custo, a que custo.

Natália: Exatamente, meu corpo já tava, pelo amor de Deus assim, não dá.

Kátia: E como é que você lidava com a dor, Natália?

Natália: Olha, eu tomava anti- inflamatório sempre pra ver se passava, tomei muito Dorflex, toda noite eu tomava pra ver se passava a dor, mas era isso, não tinha muito o que fazer, não tinha médico, eu fui em um médico lá...

Kátia: Um crime, em crime, uma temeridade.

Natália: É, foi complicado essa época, tinha uma outra menina também, várias meninas com problemas assim...

Kátia: Você correu o risco de ficar paralítica, você sabe né?

Natália: É o médico falou isso, ele falou, se você tiver, fizer um salto meio que em falso você pode se ferrar menina, ele falou você não pode treinar, daí eu pensei, então eu vou comprar o cinturão, ai eu treinava tipo, ai eu pedi pra minha técnica pra não fazer os saltos da coreografia, daí ela tá, fazendo corpo mole já, na cabeça dela, não sei o que ela pensava, mas foi ai sabe, ela não estava satisfeita comigo, eu não estava satisfeita com ela, foi aquela, meu corpo não aguenta mais...

Kátia: Foi uma atitude desrespeitosa, né Natalia?

Natália: Sabe qual é o problema, eu acho, eu vejo isso, é os técnicos, eu tava fazendo pós em treinamento na Gama Filho, e isso eu vi porque a gente tava montando a periodização, como montar uma periodização, um ciclo olímpico e tudo o mais e isso eu comecei a ver, a analisar como que os técnicos lidam com os atletas e eu vejo que eles não fazem uma carreira do atleta, ele não monta isso, problema é do atleta, se ele é novo demais, se, não interessa, se o atleta tá bom pra gora, então vamos mata ele agora porque isso, problema é dele se depois ele tiver que parar, eles querem tudo muito pro agora, eles não montam um plano de carreira pro atleta, eu vejo que isso não foi feito comigo, talvez eu não teria participado de uma olimpíada com 14 anos porque era muito cedo, mas talvez com 18 e com 22, eu teria participado, se tivesse feito um periodização adequada, sabe eu ia estar em uma idade mais madura, talvez a minha performance ia ser melhor...

Kátia: Ainda mais em um esporte onde se começa tão cedo.

Natália: Exatamente, então eu acho que muita coisa foi feita errada, mas muita coisa, preparação física, aquelas loucuras de tipo, sabe, pula no colchão, sabe, ai, se vê muita coisa errada, muita, é aquela coisa de tipo, o esporte é meio ignorante assim, a ginástica rítmica nesse tempo, porque o pessoal não vai em busca de conhecimento, vai tipo, as russas fazem isso, então vamos fazer isso, só que as russas faziam há 60 anos, tipo, muita coisa evoluiu, não é como elas tão fazendo, então a gente se ferra nisso.

Kátia: E depois, o que você fez da tua vida?

Natália: Depois eu parei em 2003, final de 2003 eu parei e ai eu comecei a fazer faculdade em 2005.

Kátia: Lá em Londrina?

Natália: Não, daí eu voltei pra minha cidade, ai eu me formei em licenciatura de comecei a dançar que era, eu senti que o meu corpo precisava fazer alguma atividade que não forçasse muito a minha coluna, porque eu sinto dor ainda, e mas que eu pudesse ainda né, assim, utilizar, da, que eu sou muito flexível e tudo o mais, ai um professor que fez mestrado em Portugal, ele me chamou pra fazer um duetos com ele, porque ele dançava também, e ai ele tinha muitos contatos em Portugal e então a gente foi viajar pra Portugal dançar dança mais contemporânea e que não exigia muito a minha coluna assim, eu usava muita flexibilidade de perna, mas não coluna e eu comecei a dançar e assim foi muito legal, ai junto, depois, eu comecei a dançar hip hop, participei do campeonato sul-americano, porque eu gosto de competir e com esse Flávio, com essa dupla que eu fazia com ele a gente não competia, só apresentava e no hip hop eu já fiquei sabendo que eu podia competir, então em competir, eu já fiquei super empolgada, mas daí o técnico também começou a visar mais espetáculo e eu sai, foi quando eu me mudei pra São Paulo e daí eu comecei a fazer a Pós e comecei a trabalhar.

Kátia: Você trabalha com o que?

Natália: Hoje eu to atendendo personal assim, mas treinamento funcional.

Kátia: E aqui na USP, você?

Natália: Eu to fazendo Bacharel

Kátia: Em esporte ou em educação física?

Natália: Educação física.

Kátia: Uau é, nossa, você sabe que eu ouço essas histórias e eu fico tão passada, porque a tua história se repete em outras modalidades e eu vejo assim, o quanto teve criminosos.

Natália: Ah não, mas eu não te contei das dietas ainda, das...

Kátia: Ai, água com alface?

Natália: É, das pesagens, eu fiquei sem receber salário várias vezes, porque cada 100 gramas, era 100 reais que a gente tinha que pagar, eu já não ganhava muito e do domingo pra segunda, eu ia me pesar e tinha engordado 1kg e 400 gr, ai já era 1.400 reais, ai meu Deus, ai minha técnica olhou pra mim, na primeira pesagem você tá devendo, vamos, tipo, cortar teu salário, e ai nossa...

Entrevistador: Você chegou a ser cortada por peso também?

Natália: Sim, foi por peso, foi por estar acima do peso, é esse negócio do tipo, olha pensa bem tomar Sibutramina sabe, é existe isso.

Kátia: Existe meio que por sugestão.

Natália: É, tipo olha, eu já tomei, funciona, sabe, eu tomei, era pra eu ter perdido 12 quilos e eu perdi 1 e ai, daí eu fui cortada da seleção, daí eu engordei 22 quilos.

Kátia: Você chegou a passar em algum antidoping?

Natália: Passei, não, nunca passei, no pan foram três meninas só e eu não fui, mas a Sibutramina eu tomei quando não tinha mais competição, tomei por causa da seletiva, pra ver se perdia peso pra seletiva, que ia ter a convocação e, mas assim, laxante, todo final de semana, todo final de semana, nosso final de semana era assim a gente treinava e nosso ultimo treino era sábado de manhã, a gente pesava sábado de manha e treinava e nossa, daí a gente começava a comer, mas assim era uma coisa absurda, a gente comia Mc Donald’s, pizza, tudo sabe, tipo, aquela coisa compulsiva, duas barras de chocolate, uma barra, era uma coisa muito, a gente sentava, a gente não podia deitar a gente ficava se olhando, tipo, meu deus sabe, tipo, de passar mal, ai no domingo, a gente se enchia de plástico e, ai sábado de noite a gente tomava quatro coisinhas de lacto purga e colher de Tamarine e ai no domingo, ai a gente, ai já era aquela maravilha, daí no domingo, a gente acordava, se enchia de plástico e blusão e começava a pular corda, corda, corda, o domingo inteiro, cuspindo, pulando corda, correndo, sem botar um gole de água na boca, sem comer nada, pra pesagem segunda, só que eu cheguei a engordar 5 quilos de sábado para domingo de comida, eu não sei como isso pode, mas a balança tava lá 5 quilos e ai passava a madrugada no banheiro e o domingo inteiro correndo, pulando corda, a gente ligava o chuveiro ficava pulando no bafo achando que, sei lá, conseguia, pra conseguir na pesagem segunda feira tá , mas nunca dava, eu nunca recuperava o peso que eu, eu sempre ficava 2 quilos, sempre, não conseguia perder tudo.

Kátia: Com quantos anos isso?

Natália: Essa fase foi em 2003, eu já tinha 16 para, 17, já tinha 17. Mas sabe qual foi o problema eu acho, quando eu entrei na seleção, eu media mais ou menos 1,74m

Kátia: Claro, você cresceu...

Natália: Eu media 1,74 eu pesava 46 quilos, eu era muito magra e mandaram eu emagrecer 1 quilo, é óbvio que na cabeça de uma pessoa isso vai dar um “tiltchi” tipo, nossa, eu preciso emagrecer, mas eu achava que tava bem, eu achava que eu era magra, 13 para 14 anos, você começa a criar uma neura foi isso que, todas as meninas que não tinham problema de peso começaram, entraram e começaram a ter problema de peso por causa dessa neura, de tipo, não pode comer, tem sempre que emagrecer 1 quilo, nunca tá bom, era assim, é ate hoje, eu não sei como é com a Camila, tomara que não seja, mas tipo, lá fora é assim ainda, as meninas vão pro refeitório, as meninas da Ucrânia, da Rússia, escondendo, roubando maça, roubando maça gente, é um absurdo, é assim, mas é assim.

Kátia: Você presenciou algum quadro de anorexia entra as tuas colegas?

Natália: Não, mas de bulimia sim.

Kátia: Bulimia sim, da seleção?

Natália: Sim.

Kátia: Com 15 anos, 16 anos.

Natália: Menina que tomava Xenical.

Kátia: E a comissão técnica sabia disso?

Natália: Eu acho que sabia, eu acho que sabia, eu quando eu tomei Sibutramina elas sabiam, minha técnica sabia, minha preparadora física sabia.

Kátia: E por outro lado, sem nenhum amparo médio, sem nenhum amparo da área da saúde, nada?

Natália: Nada.

Kátia: E os psicólogos também sabiam disso provavelmente...

Natália: Não, dos medicamentos não.

Kátia: Não?

Natália: Não. Esse psicólogo do esporte, ele só, era uma mulher, não lembro o nome dela, ela só estava presente na equipe em 2000 na olimpíada e depois ficou só o outro psicólogo trabalhando, que era o psicólogo da universidade onde a gente treinava que era o Odopar. A nossa técnica, ela era filha dos reitores da Universidade, então ela dava toda a estrutura para a seleção, quando eu fui pras olimpíadas, não existia salário de cobre, não existia nada disso bolsa, não existia bolsa, ela me dava 100 reais por mês pra, quando eu fui pras olimpíadas, eu ganhava 100 reais por mês, tipo, caridade da minha técnica.

Kátia: E perdia 100 a cada 100 gramas?

Natália: Não, mas nessa época não tinha pesagem, a época da pesagem começou assim, em metade de 2002, começou essa neura de pesar todo dia.

Kátia: Vocês faziam algum tipo de controle de ciclo hormonal, menstrual, alguma coisa assim?

Natália: Nada.

Kátia: É, você vê assim, que precariedade, meu deus, porque tem acúmulo de líquido essa coisa, tá relacionado com isso também...

Natália: E eu vejo as fotos daquela época assim, que eu tinha mais problema, eu era magra, mas o meu rosto sempre inchado, eu via que eu sempre tava inchada, não sei por que, mas eu já reparei nisso.

Kátia: Não, e se você estava tomando corticoide, corticoide incha.

Natália: Incha super, é.

Kátia: Se você estava, por conta da lesão da coluna, você estava se encharcando de remédio, o próprio remédio te faz inchar e reter líquido, enfim, meu Senhor, que loucura. Você se preparou pra parar de competir?

Natália: Não, não me preparei.

Kátia: E ai, que desdobramento teve isso na tua vida?

Natália: Ah foi muito estranho assim, porque eu queria treinar, mas meu corpo não queria mais e eu não queria sair de Londrina porque minha vida, eu fui lá com 13 anos e já tinha 18, e minha vida já era lá assim, meu ciclo de amigos, minha escola, então foi muito horrível tudo, parei, voltei pra Santa Cruz, voltei e falei pai, eu não consigo mais morar aqui, vou ter que voltar pra Londrina, daí eu voltei pra Londrina só para estudar lá e tal, porque não dava pra viver de alegria né teve que trabalhar e tudo o mais e eu não tava trabalhando só estudando, então o que eu tinha conseguido economizar da ginástica eu tava pagando pra me sustentar e ai, até que eu parei e falei gente vai acabar o dinheiro, não to fazendo nada, que tá adiantando eu morar aqui, ai eu voltei pra Santa Cruz, mas foi bem difícil, assim, me adaptar, parei um ano de estudar, e então meus colegas que eram os colegas no colégio Santa cruz já tinham terminado o colégio e ai tudo novo de novo sabe, não tinha amigos, não tinha, eu já tinha 18 anos, ai foi bem, foi uma fase bem ruim assim pra mim, porque a minha vida não era mais em Santa Cruz.

Kátia: Como é que teus pais reagiram a tudo isso, Natália?

Natália: Meu pai sempre falou que, sempre foi o sonho da minha mãe que eu fosse assim, então, tipo, ginasta tal, então a minha mãe, a minha mãe acha lindo maravilhoso, ai meu deus, que orgulho tal, ela, sabe, ela acha tudo muito lindo, ela, lógico, ela vê os problemas que teve, acha horrível mas, assim, pesa mais o lado bom e pro meu pai, já é tipo, se, eu me arrependo de ter deixado tu ir, meu pai já é assim, por mim, se eu pudesse voltar o tempo, eu não deixava você, porque você, ele fala, você ainda não tem noção de como isso vai...

Kátia: E você, se você pudesse voltar o tempo, o que você faria?

Natália: Eu faria tudo de novo, eu faria de novo, valeu a pena, eu digo isso pro pai, pro meu pai não ficar com tanto peso na consciência também, é foi o preço que eu paguei, assim, se eu pudesse fazer diferente, faria muita coisa diferente, mas eu já, eu já, já vi tanta coisa boa depois também, assim, pra mim que eu acho que valeu a pena, tem tanta gente que eu fico pensando é, tem tanta gente com problema na coluna que não precisou fazer nada pra ter problema, tem muita gente com problema, eu namoro um médico fisiatra, ele trabalha com dor, eu vejo isso, tipo, quanta gente ele tem que não fez nada e tem dor e dor e dor, eu pelo menos, nossa, pelo menos eu tive uma carreira sabe, eu fazia o que eu amava, então eu tento ficar pensando no lado positivo, meu pai acha que não, a minha mãe também pensa mais pro lado positivo.

Kátia: Hoje você tem, faz cuidados paliativos, que que você faz pra poder?

Natália: Ah, eu não faço nada na verdade, eu meio que larguei de mão assim, porque é muito complicado cuidar da minha coluna, são muitos problemas e eu não acredito que a minha dor vai sair completamente, e eu tenho que fazer muita coisa pra diminuir a dor, teve uma época que eu tive, que foi a época que eu tive menos dor assim, mas que eu tava fazendo infiltração todas semana, eu tava infiltrando pra tirar a minha dor, infiltrar com corticoide e anestésico, ai tira minha dor, mas sabe, um saco ter que ficar lá, tipo, infiltração não é uma coisa agradável e ai você infiltra lá toda vez, multífidos, quadrado, e ai chega uma hora que isso cansa assim, já fiz acupuntura, já fiz RPG, mas nada tirou a minha dor assim, diminuiu um pouco mas eu achei que não valeu a pena o esforço pela. Ai, já fiquei um tempão tomando Miosan, tomando a noite pra ver se melhora um pouco, mas eu meio que to, agora eu não to numa fase de cuidar dela.

Kátia: Quais são seus projetos de vida?

Natália: É, me formar aqui e quanto antes conseguir fazer um mestrado também, porque eu não pretendo atender personal por muito tempo assim, por causa da minha coluna, eu acho que eu não vou aguentar ficar alongando e tal e todo o tempo e eu atendo particular, então eu vou até meu aluno, então ficar no carro, o banco já me incomoda, então assim, eu pretendo dar aula, mas isso daqui uns 10 anos assim, pretendo ganhar ‘mão’, assim atender o máximo de pessoas possíveis e é isso assim, fazer o mestrado, mas com, relacionando o exercício a melhora de patologias, eu gosto dessa área da dor.

Entrevistador: Você desenvolve projetos sociais também em Santa Cruz, Santa Cruz né?

Natália: É, eu durante o tempo da faculdade é, eu desenvolvi o projeto social, que era um projeto de ginástica rítmica aonde eu dava aula pro público carente, então, eu ia pras comunidades carentes pra divulgar o projeto, chamava as crianças e ai eu dava aula pra elas, eram seis turmas, então, eu atendi muita criança assim, porque a ginástica rítmica é um esporte que custa, você ter um tablado é caro, tipo, então não é qualquer colégio que tem, ou qualquer clube que tem, é mais raro, o material, é um material que tem que, não tem no Rio Grande do Sul ou tem que do Rio de Janeiro ou tem que importar do Japão, então eu aproveitei esse aval da universidade ser uma universidade particular e ter como bancar pra montar esse projeto, ai eu montei esse projeto e a gente, ai eu chamei uma outra menina que treinou comigo no colégio e na época já era arbitra, eu chamei ela pra treinar comigo pra gente montar esse projeto e ai nós desenvolvemos durante 4 anos, que foi o tempo da minha faculdade, ai depois acabou porque não tinha ninguém para continuar.

Kátia: Natália, muito obrigada, obrigada mesmo e sucesso, sorte e se você puder nos passar os contatos que você tem, eu te agradeço muito, porque não é fácil chegar até vocês. Obrigada

Natália: Obrigada, o que precisar, estou as ordens. Eu posso sim, tá bom. De nada